

Objectivo 3

Promover a conservação da diversidade genética

Castas de vinho portuguesas são um património único mas em risco

Há mais de 200 videiras autóctones no país. Mas essa diversidade pode desaparecer em 30 anos. Há quem esteja a trabalhar contra este cenário. Por David Lopes Ramos

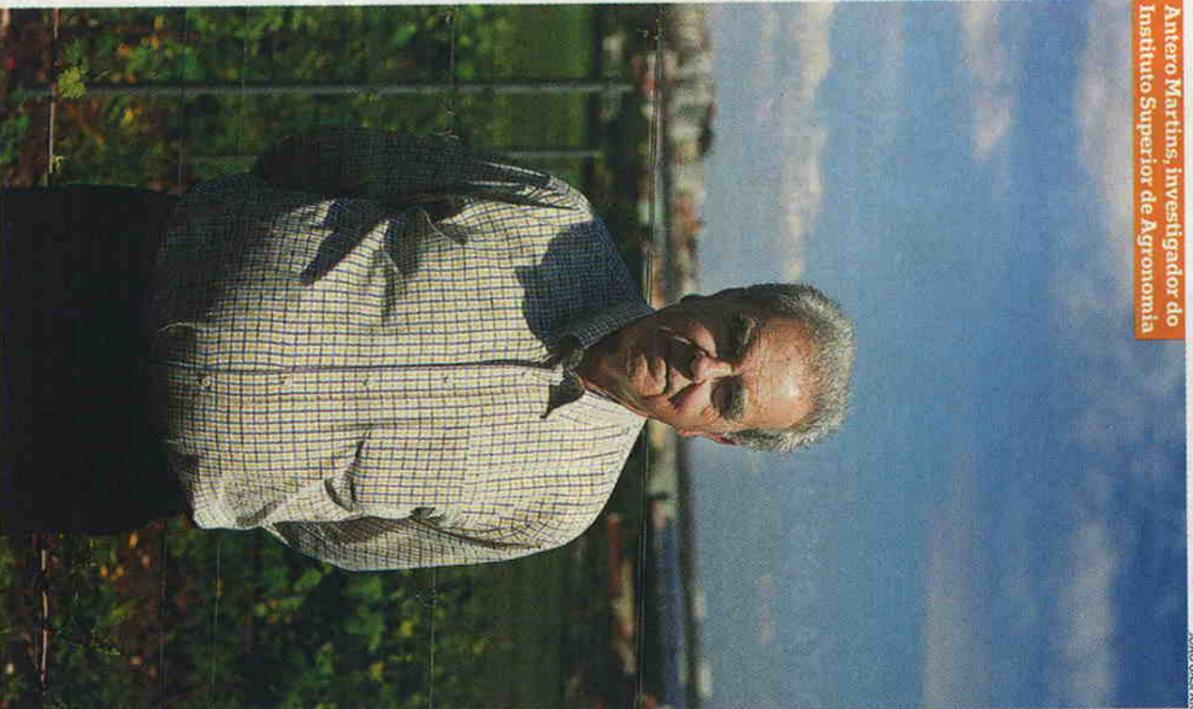
● País vinhateiro, Portugal é, no conjunto das nações produtoras, a que é mais rica em videiras autóctones. São mais de 200, numa superfície muito mais exigua do que as de Espanha, França, Itália, que têm um número de castas semelhante ao nosso. É uma "riqueza muito grande do país", sublinha Antero Martins, professor do Instituto Superior de Agronomia (ISA), em Lisboa, na área da Genética Quantitativa e Melhoramento de Plantas. E é uma riqueza de três tipos.

"As castas são muito numerosas e de qualidade assinalável", explica. Tal significa que podemos "fazer vinhos diferentes e de alta qualidade, inovadores e competitivos". Depois, há que avaliar o que existe dentro de cada casta. Cada uma tem "muitas coisas diferentes; muitos génotipos diferentes", diz. É com a diversidade existente em cada casta que "se faz a selecção".

Antero Martins chama a atenção para o facto de "a variabilidade genética dentro de cada casta ser uma vertente menos percebida pelo cidadão comum, mas com um enorme potencial para a valorização do vinho e da sua imagem. Pela exploração da variedade intravarietal, podemos mudar o rendimento da casta do simples para o quintuplo e o açúcar, antocianinas e acidez do simples para o dobro", diz o especialista.

Património em risco
Finalmente, há as chamadas videiras silvestres, que eram inteiramente ignoradas ainda há dez anos. "Daí para cá, já foram identificados cerca de 20 povoaamentos, sobretudo nas bacias do Guadiana, Almansor, Ponsul e Sado, e existem indicadores de que esse número poderá subir para lá da centena quando se puder fazer o varrimento integral de todas as linhas de água do país", diz Antero Martins. "Somos ricos nestes três compartimentos da variabilidade. Muito ricos."

Portugal tem ainda alguma vantagem no conhecimento das castas, fruto do trabalho desenvolvido nos últimos 30 anos por Antero Martins e seus colaboradores, juntamente com universidades, organismos do Ministério da Agricultura e algumas empresas.



Antero Martins, investigador do Instituto Superior de Agronomia

PHOTO GASPARE

estava, nesta matéria, como há um século e há muitos séculos: não havia praticamente erosão genética da videira. Daí para cá, a erosão genética está a acontecer a um ritmo extraordinariamente veloz. De tal modo que, se nada fizermos para a conter, arriscamo-nos, pela década de 20, vá lá, até 2030, a perdermos praticamente toda a variabilidade genética nos três compartimentos referidos: entre as castas, dentro de cada casta e nas videiras silvestres".

Ou seja, sublinha Antero Martins, "algo que temos cá há milhares de anos pode desaparecer nuns curtíssimos 30-40 anos. São as mudanças do mundo que carregam consigo essas consequências perversas. Aliás, isto passa-se não só com a videira, mas com o mundo em geral, com a vida selvagem, com a vida animal e a vida vegetal. A erosão genética é um fenómeno perverso associado ao desenvolvimento das sociedades mais avançadas. Outro problema é o relacionado com o grande enagrecimento do aparelho humano, sobretudo nos organismos do Ministério da Agricultura, de investigadores e de técnicos para se debruçarem sobre todos estes problemas".

Pólo experimental

Antero Martins sabe que a erosão genética não se pode parar de um momento para o outro, mas também sabe que há "meios alternativos" para a travar, mantendo e valorizando "um capital criado ao longo de milénios e que nos foi legado pelos nossos antepassados". E o primeiro passo já foi dado com a criação, em Setembro de 2009, da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira (APDV), que agrupa 13 associados, mas que, a curto prazo, se alargará a 30-40 entidades. Tendo como objectivo central a travagem da erosão e a valorização da variabilidade ainda existente, há outros dois instrumentos essenciais que acionará: "Prospecção generalizada em todo o território nacional de amostras representativas da variabilidade de todas as castas e de núcleos de videiras silvestres; plantação e guarda das amostras prospectadas e de parte das videiras silvestres num grande pólo experimental central." Os fundadores da APDV foram: o Instituto Superior de Agronomia,

o Instituto Nacional dos Recursos Biológicos, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Direcção Regional de Desenvolvimento Agrário dos Açores, Câmara Municipal de Palmela, Associação para o Desenvolvimento da Viticultura Duriense, Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, Associação dos Viticultores do Concelho de Palmela, Associação Técnica dos Viticultores do Alentejo, Sogrape Vinhos, SA, Real Companhia Velha, José Maria da Fonseca Vinhos, SA, e Symbiontron Vinhos.

Trabalha-se actualmente, e de forma intensa, junto do Ministério da Agricultura para que este ceda, em condições favoráveis para a APDV, uma propriedade de 100 hectares com aptidão agrícola, onde se plantem as castas que representem a própria variabilidade genética. Parte do trabalho já está feito: há 65 castas, aproximadamente 15 mil clones, já guardadas em propriedades privadas por esse país fora.

Negocia-se com o Ministério da Agricultura a afectação ao projecto de parte do actual Centro Experimental de Pegões. As mudanças no Governo atrasaram o processo, mas Antero Martins entende que há condições para o fazer avançar.

Serão precisos, nos cálculos do professor do ISA, 1,5 milhões de euros para o trabalho de recolha e plantação das 250 castas. O investimento será "reprodutivo", garante: "Pensamos obter dinheiro para financiar as actividades mais diversas". Há já projectos próprios e outros em associação com os espanhóis apresentados a organismos comunitários. Depois de instalado, o projecto "pagar-se-á a si próprio com a venda em leilão das uvas".

Mas, segundo Antero Martins, há que agir com rapidez. "O vinho é algo que atravessa a sociedade toda, a começar pela paisagem. Se Portugal não tivesse videiras, era completamente diferente. Tem arte, sociologia", diz. Deve haver poucas famílias em Portugal que não tenham alguma relação com o vinho. Apoiar-se este sector é fundamental, para que isto ande para a frente. Nós trabalhamos na origem de tudo, as plantas. É aí que se tem que começar a trabalhar", conclui.

A erosão genética nas videiras está a ocorrer a um ritmo extraordinariamente veloz e preocupante

Dadas as boas notícias, encaremos o lado menos risonho da realidade. O professor do ISA alerta para a existência de "muitos problemas para tirarmos partido dessas vantagens - quer das materiais, quer das do conhecimento. O problema mais grave, altamente preocupante, é que a diversidade genética das videiras autóctones está a desaparecer. E o fenómeno da erosão genética. Observa-se em todas as sociedades desenvolvidas e, em Portugal, no caso da videira, a um ritmo extraordinariamente veloz e preocupante".

Até por volta de 1985, "tudo